

Como a Coréia fez sua ação subir a US\$ 70

por Paulo Sotero
de Washington

Quando o Korea Fund, Inc. foi lançado, em 1984, com uma colocação de US\$ 60 milhões, cada uma de suas ações, listadas na Bolsa de Valores de Nova York, valia US\$ 12,50. Hoje, reforçadas por uma nova colocação de US\$ 40 milhões, realizada há dois anos, essas ações estão cotadas na faixa de US\$ 70. A valorização reflete o espetacular aumento do valor patrimonial do fundo, investido em ações de empresas coreanas listadas na bolsa de Seul.

Com o fundo da Malásia, de US\$ 90 milhões, passou-se o inverso. Lançado seis meses antes do *crash* internacional do mercado de capitais, no ano passado, ele foi apanhado pelo efeito combinado da queda de suas ações na bolsa de No-

va York e de seu valor patrimonial na bolsa de Kuala Lumpur, e hoje vale a metade do preço inicial de US\$ 12,50.

Os fundos de investimentos fechados, que mobilizam capital no mercado internacional para aplicações de longo prazo em nações em desenvolvimento, através do mercado acionário, seguem um modelo usado a partir da década de 50 para atrair investimentos para o Canadá e a vários países europeus. Muitos desses fundos continuam em operação, embora tenham perdido importância, diante da abertura do mercado de ações dos países industrializados para investimentos estrangeiros via bolsas.

Com o lançamento do Brazil Fund, Inc., de US\$ 150 milhões, no início deste mês, e do Thai Fund, Inc., o fundo da Tailândia, de US\$

115 milhões, dois meses antes, são quatro hoje os fundos listados na bolsa de Nova York. As ações do Brazil Fund fecharam, na sexta-feira passada, em US\$ 12,875, depois de terem chegado a US\$ 14 no dia do lançamento. O fundo da Tailândia está cotado em US\$ 17. Os quatro fundos negociados em Nova York têm vários elementos comuns.

COLOCAÇÃO RÁPIDA

Um dos mais salientes é a participação que a International Finance Corporation (IFC), o braço do Banco Mundial para o setor privado, teve na montagem de todos eles. A IFC foi colíder na colocação dos fundos da Coréia, Malásia e Taiwan, e teria desempenhado o mesmo papel no Brazil Fund caso o governo dos Estados Unidos não tivesse bloqueado sua parti-

cipação, numa aparente ação política de represália contra a moratória brasileira. A saída da IFC, que trabalhou três anos na montagem do fundo, custou à organização cerca de US\$ 1,5 milhão.

Os fundos são administrados, nos EUA, por firmas de consultoria de investimentos, que recebem comissões de cerca de 1% dos ativos. As aplicações dos recursos do fundo nos países a que eles se destinam são feitas com a assessoria de um administrador local, geralmente um banco de investimento, que trabalha por uma comissão menor, paga na moeda nacional. Os fundos do Brasil e da Coréia são administrados, nos EUA, pela Scudder, Stevens & Clark, Inc., de Nova York e Boston.

A Morgan Stanley Asset Management, Inc., de Nova York, subsidiária da Morgan Stanley & Co. Incorporated, responde pelos fundos da Tailândia e da Malásia. Uma outra característica comum dos fundos é que pelo menos dois terços de seus ativos devem ser investidos em empresas de capital aberto.

Por constituírem uma rara janela no mercado internacional de capitais para investimentos em países recentemente industrializados, esses fundos têm sido colocados com grande rapidez. O sucesso de seu lançamento não deve, contudo, alimentar expectativas exageradas — afirma um executivo da IFC familiarizado com a iniciativa. "Há um limite para esse tipo de investimento", disse ele.

Para os países destinatários das aplicações, os fundos representam mais do que uma saudável injeção de recursos. Através de sua cotação diária, eles atuam como um duplo termômetro exterior da capacidade dessas nações de atrair investimentos e do grau de confiança depositado em suas economias.